A LEITURA INFANTIL NAS SÉRIES INICIAIS

COSETE FREITAS DA SILVA GAMA

RESUMO

O trabalho que ora se inicia busca refletir sobre a importância de a escola desenvolver nos alunos o ato de ler por meio da literatura infantil, para isso, é necessário que o professor saiba quais são as melhores formas de trazer a leitura para dentro de sua sala de aula como algo atraente e interessante, talvez o critério mais eficaz seja o professor tornar-se modelo de leitores para seus alunos. O trabalho teve como metodologia a pesquisa de caráter bibliográfico. Para tanto, diversos autores que se dedicaram a estudar sobre a temática foram pesquisados e suas obras analisadas de forma crítica e criteriosa, sendo possível colocar em evidências suas ideias. O trabalho tem como objetivo apresentar informações a respeito da importância da literatura no processo de formação de leitores nas séries iniciais do Ensino Fundamental, bem como a importância da leitura no processo de alfabetização e letramento como um indicativo fundamental para o desenvolvimento do cidadão e, por conseguinte, a independência intelectual de uma nação. Foi dada uma ênfase na capacidade imaginativa que é desenvolvida por meio do contato com a leitura. O tema é relevante, pois ele procura legitimar o direito do cidadão oriundo do mundo letrado. Para tanto, a ação pedagógica deve ser envolvente, cativante, exigindo comprometimento e uma concepção de leitura que seja superior ao ato mecânico de ler. A escola necessita incorporar, sem preconceitos, as experiências de leitura que cada um traz: professor e aluno. É resgatando a história de leitura de cada um que se pode partir do real e não do que se imagina que alguém deva ter como pré-requisito para ler.

Palavras Chave: Literatura; Leitura; Alfabetização.

INTRODUÇÃO

A leitura é compreendida como uma necessidade do ser humano desde os tempos remotos de se tornar um leitor. Um leitor é sempre iniciado no mundo da leitura por outro leitor e se a escola quer formar leitores para além de seus muros, precisa organizar-se em torno de um projeto claro, com o qual toda a equipe escolar esteja comprometida.

Ler é uma maneira de compreender melhor o mundo. Segundo a concepção, saber ler é muito mais do que apenas decodificar letras, é atribuir sentido ao texto.

Para isto, apenas aprender o ato mecânico não é suficiente. É necessário, desde as séries inicias, desenvolver algumas habilidades que incluem: fazer previsões sobre o texto, construir significado combinando conhecimento prévio e informação textual, envolver-se emocionalmente com o material lido, refletir sobre o significado do que foi lido e tirar conclusões sobre o assunto enfocado.

Quando o aluno não desenvolve estas habilidades, surge a dificuldade de interpretar textos, extrair informações que não estão explícitas, acarretando dificuldade em todas as demais disciplinas, inclusive no desempenho matemático, pois a capacidade de resolução de problemas está necessariamente atrelada à capacidade de compreende-lo e interpretá-lo.

A leitura consiste em uma atividade complexa, estão envolvidos neste contexto conhecimentos diferentes que ultrapassam a fonética e a semântica. Pode ser considerada como um momento de descoberta, um desafio, porém, será sempre uma atividade de assimilação de conhecimentos, de reflexão, pois ler não é apenas decodificar, é interagir com o texto, atribuindo significados.

Os alunos e professores precisam ter a sua disposição obras compatíveis com suas necessidades e expectativas e devem ter contato com obras que ampliem o seu universo cultural. Ler junto, ler com, compartilhando a experiência.

Neste contexto, a escolha deste tema justifica-se pela oportunidade que o mesmo oferece de estudar uma questão fundamental para inserir a criança no universo maravilhoso que é a leitura, desde o início do proces-

so de alfabetização. Assim, o objetivo geral deste trabalho é apresentar informações a respeito da importância da leitura, da literatura infantil e da imaginação no processo de aprendizagem do aluno desde as séries inicias, como um indicativo fundamental para o desenvolvimento do cidadão e, por conseguinte a independência intelectual de uma nação.

Optou-se por uma metodologia de pesquisa qualitativa sendo que dentre os métodos qualitativos optou-se pelo estudo bibliográfico, por se compreender que se trata de um tema complexo e, por isso, requer um tratamento metodológico que permita compreender com mais propriedade o tema em questão.

DESENVOLVIMENTO

A presente sessão tece importantes considerações sobre a importância da literatura infantil na formação de leitores literários. Neste contexto, visa refletir teoricamente sobre esta questão e as contribuições da literatura na formação do leitor, propiciando o desenvolvimento social, psíquico e emocional dos alunos,

A LITERATURA INFANTIL

É por meio da palavra que o ser humano expressa seus sentimentos mais íntimos, exercita seus pensamentos e cria um universo autônomo, fantástico ou real capaz de assumir novas dimensões e significações. Através da linguagem a arte literária se concretiza em "um logro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma resolução permanente da linguagem" (BARTHES, 2012, p.16).

Desta forma, a literatura confere ao homem o poder da liberdade por não exigir que a expressão de seu ser esteja submissa a regras de estruturação linguística. Trata-se de uma produção humana desenvolvida por indivíduos situados no espaço e no tempo, e recheada por representações simbólicas que revelam o cotidiano (BARTHES, 2012).

É a expressão da vida social, em que o criador valoriza vivencias e experiências de sua realidade. Por ser produto social, exprime a cultura de cada civilização onde ela ocorre. Ou seja, a arte literária é a possibilidade de entender e representar os processos que ocorrem no grupo social a qual o produtor está inserido (CANDIDO, 2016).

Tavares (2022) destaca que a melhor definição de literatura se aproxima à definição de Vida: "A literatura é a expressão da vida. É o homem de certo modo convertido numa obra. Nela o interessante não é apenas quem se exprime e o que se exprime, mas como se exprime".

Tal definição permite que se compreenda que a literatura está a serviço da construção e reconstrução de realidades por meio do universo ficcional. Bordini e Aguiar (2018) esclarecem que, o texto literário confere ao leitor autonomia para superar a realidade concreta e vivenciar uma experiência imaginativa, elaborando um mundo paralelo ao mundo real. Esse novo mundo elaborado apresenta lacunas que, para serem completadas necessita da participação do leitor que cumprira esta tarefa de acordo com as próprias experiências. É por esta razão que a literatura se distancia de outras modalidades de texto, pois ela oferece ao leitor a liberdade de acessar um universo repleto de informações.

Segundo Candido (2016),

A literatura é um sistema ativo de obras que se refletem entre si e sobre os leitores. A obra não é produto fixo e único diante do público e muito menos o público é passivo e homogêneo. O artista pretende atingir determinado fim e o leitor deseja que ele lhe mostre de terminado aspecto da realidade. O contexto social não impõe nem determina a obra literária, pois é apenas pano de fundo sobre o qual se desenrola a trama ficcional (CANDIDO, 2016, p.29).

Partindo dessa concepção, Zilberman (2015) destaca que, através do texto literário, tudo se transforma, visto que, as experiências pessoais do escritor são utilizadas como recurso na produção de uma obra. Portanto, a obra é resultado da imaginação e das experiências, e o autor é dotado de liberdade para escrever uma história onde lugares, épocas e personagens são construídos de maneiras distintas.

Lajolo (2021) colabora com esta discussão destacando que, é através da literatura que o leitor tem acesso a uma

(...) porta para variados mundos que nascem das várias leituras que dela se fazem. Os mundos que ela cria não se desfazem na última página do livro, na última frase da canção. Permanecem no leitor, incorporados como vivência, marcos da história de leitura de cada um (LAJOLO, 2021, p.44).

Zilberman (2018) reflete sobre o caráter educativo da literatura, buscando as raízes deste aspecto na cultura grega onde a literatura, associada ao gênero mito, sempre foi valorizada por contribuir com a preservação dos elementos culturais das comunidades primitivas.

Desta forma, segundo Zilberman (2018):

27

É com os gregos que é transmitida "essa propriedade pedagógica dos mitos à poesia, veiculada primeiro entre os membros da aristocracia, mas adiante entre os grupos, ou seja, entre distintas classes sociais, atuando ora como paradigmas de ação, ora como pressupostos de sobrevivência em sociedade. Nesse sentido, a literatura traduzia experiências acerca do homem e do mundo, de modo a (re)significar aquele universo e então, proporcionar aprimoramentos das práticas sociais (ZILBERMAN,2018, p.46).

De acordo com Magnani (2021, p.140) "a literatura mobiliza a imaginação, a diversidade de opções estimula a busca de alternativas". Portanto, no contexto de impasses e contradições pelo qual passa nosso país, é imprescindível tornarmos coautores da luta pela participação na construção de uma sociedade que interesse a todos, especialmente aos exilados da palavra.

De acordo com Coelho (2013), a leitura constitui-se em uma atividade imprescindível para observar e compreender a realidade em que se vive. A autora relata que, a partir do momento em que o homem se tornou capaz de organizar seus pensamentos de uma maneira inteligível, procurou meios para registrar e transferir para as futuras gerações suas experiências e a maneira como viveu. Tal tarefa, na maioria das vezes se efetivou por intermédio da literatura oral ou escrita.

Ainda segundo a autora, a palavra escrita representada nos livros literários, assume, na sociedade contemporânea, a função de formar leitores críticos e conscientes, isto porque ela permite conhecer o mundo dos homens de forma eficaz e rica. Esta concepção já é aceita por muitos estudiosos da área que reconhecem na literatura um instrumento de compreensão de vida.

De acordo com Hinterlang (2012):

A comunicação entre autor (adulto) e receptor do livro infantil (criança) é compreendida como uma espécie de mensagem, pois o escritor, ao dispor de total liberdade para construir seu texto, pode, de certa forma, oportunizar a formação de "consciência de mundo" e essa, ao ser assimilada pela criança, passa a integrar o seu mundo interior. Todavia, ressalta-se que essa consciência de mundo não se dá de forma racionalizada por parte do pequeno leitor, pois esse ainda necessita de mediação para correlacionar elementos presentes no texto com a realidade ou com suas experiências de vida (HINTERLANG, 2012, p.18).

Ou seja, segundo a concepção do autor, a literatura infantil adquire um caráter pedagógico na medida em que se destina à um público que, via de regra, encontrase em uma fase de constante aprendizado, perspectiva esta que se distancia, em partes, de concepções atuais que buscam ressaltar o gênero literário como entretenimento.

No contexto desta dualidade Coelho (2013), considera que a literatura "[...] precisa urgentemente ser descoberta, muito menos como mero entretenimento (pois deste se encarregam os meios de comunicação de massa), e muito mais como uma aventura espiritual que engaje o eu em uma experiência rica de Vida, Inteligência e Emoções" (COELHO,2013, p.28).

Desta forma, ao se pensar na literatura é preciso destacar seu destinatário principal: a criança – visto que, este gênero pode apresentar tantos elementos ideológicos com objetivo pedagógico quanto elementos que visem à formação intelectual, moral e cognitiva da criança. De acordo com Abramovich (2017) é por meio das histórias que se entra em contato com lugares diferentes, tempos, modo de ser e agir, regras, éticas e moral diferentes da cultura a qual se está inserida, permitindo conhecer "história, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia,

etc. sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula" (ABRAMOVICH,2017, p.17).

LEITURA E IMAGINAÇÃO

A imaginação é um lugar de memória e de ação, segundo Vygotsky (2003, p.07) a atividade criadora do cérebro possui duas funções, uma reprodutora, ou seja, conserva elementos da realidade e outra criadora, ou seja, adaptar à realidade observada produzindo uma nova leitura para esta. É por esta razão que, ao desenhar, escrever, ter lembranças e recordar de um ambiente já visitado, estamos, na verdade, reproduzindo o que já elaboramos ou assimilamos anteriormente. Esta capacidade de adaptação e conservação Vygotsky dá o nome de plasticidade.

Segundo o autor, a reprodução das experiências vividas tem um papel importante para o ser humano pois é por meio desta que ele toma conhecimento do mundo que o cerca, criando hábitos permanentes que vão se repetindo em situações semelhantes, o mesmo ocorre com o rastro que deixa a roda sobre a terra branda: forma-se uma marca que fixa as mudanças produzidas pela roda ao passar e que serve para facilitar sua passada no futuro (VYGOTSKY, 2003).

Já a capacidade de criação do cérebro vai além da simples reprodução, ela reelabora, combina, cria novos elementos a partir de experiências passadas. Tal atividade possui como alicerce aquilo que a psicologia chama de fantasia ou imaginação, é ela que possibilita a criação de todos os aspectos da vida cultural, científica, técnica e artística: "todos os objetos da vida diária, sem excluir os mais simples e habituais, vem a ser algo assim como a fantasia cristalizada" (VYGOTSKY, 2003, p.10).

Desta forma, tudo o que foge da rotina, do comum, e que se apresenta como novidade tem sua origem no processo criador do homem. Portanto, a atividade criadora se manifesta desde a infância e está muito presente nas brincadeiras e nos jogos. Nas situações de jogos e brincadeiras a criança reproduz muito do que já viu, no entanto, ela não se limita a apenas recordar as experiências vividas, ela reelabora criativamente estas experiências, criando novas realidades a partir de suas necessidades. A essa vontade que a criança tem de fantasiar e criar novas coisas o tempo todo, Vygotsky (2003) chamou de atividade imaginativa.

Para Calvino (2020), a atividade imaginativa se desenvolve a partir de dois processos: o que se inicia com a palavra e caminha até chegar à imagem visível e o que faz o processo inverso, ou seja, parte da imagem visível até atingir a expressão verbal. Se pensar na leitura enquanto processo imaginativo, na concepção do autor, está se desenvolve a partir do primeiro processo, uma vez que, ao ler uma narrativa, por exemplo, quando o indivíduo se envolve com o enredo, é levado a imaginar a cena e seu cenário como se a história estivesse acontecendo diante de seus olhos.

Segundo Vygotsky (2003) a imaginação possui um importante papel para o cérebro humano, o autor ressalta que existem quatro manifestações por meio das quais a atividade criadora do cérebro se articula com a realidade. A primeira diz respeito à fantasia. Esta se desenvolve a partir dos elementos da realidade, se apoiando, portanto, à experiência vivida:

A atividade criadora da imaginação se encontra em relação direta com a riqueza e a variedade da experiência acumulada pelo homem, porque esta experiência é o material com que a fantasia erige os seus edifícios. Quanto mais rica seja a experiência humana, tanto maior será o material de que dispõe essa imaginação. Por isso a imaginação da criança é mais pobre que a imaginação do adulto, por ser menor a sua experiência (VYGOTSKY, 2003, p.17).

Ao analisar as palavras do autor, é possível compreender a importância de se repertoriar as crianças, tornando as atividades escolares ricas em experiências para que ela possa ter bons recursos para sua criação. A segunda manifestação está intrinsicamente ligada à primeira: a imaginação possui a capacidade de ampliar a experiência, permitindo ao homem tornar-se capaz de imaginar algo que ele ainda não viu. Assim, ele se torna capaz de compreender e assimilar experiências sociais ou históricas que não seja próprio de sua cultura. Para tanto, a experiência

tem o apoio da fantasia.
A terceira manifestação recebe o nome de enlace emocional. Emoções e sentimentos são manifestados em imagens concordantes a elas. A este respeito Honorato (2022) ressalta que:
A psicologia fala da lei da dupla expressão de sentimentos, na qual o sentimento possui uma manifestação externa, corpórea; e uma interna, pensamentos, imagens e impressões. Da mesma forma que manifestamos mediante expressões externas nosso estado interior de ânimo, as imagens da fantasia servem de expressão interna para nossos sentimentos. Esta é chamada pela psicologia de lei do signo emocional comum, na qual tudo o que nos causa um efeito emocional coincidente tende a unir-se entre si ainda que não se perceba entre eles semelhança alguma, nem exterior, nem interior (HONORATO, 2022, p.12).
Assim, as questões emocionais permitem o nível mais subjetivo da imaginação. A quarta manifestação da fantasia que nos permite compreender que está se vincula com a realidade é o entendimento de que o objeto construído pela fantasia pode ser algo completamente novo e que passará a existir no mundo e se relacionar e influenciar os objetos já existentes ou que virão a existir.
Parece então ser correto dizer que a função imaginativa depende não apenas das experiências do sujeito como também das necessidades e dos interesses em que ela se manifesta, como depende também da capacidade de dar forma concreta aos frutos da imaginação. A ação criadora existe porque o ser humano não é totalmente equilibrado, por isso, toda ação criadora reflete desejos, anseios e a busca por uma adaptação à realidade.
De acordo com Girardello (2018) a leitura está intrinsecamente ligada à literatura e à imaginação, assim como a ampliação dos horizontes culturais da criança. A vontade de prestar atenção à leitura de uma história surge da curiosidade em saber o que vem depois, "de repente as palavras vestem seus disfarces e em um piscar de olhos estão envolvidas em batalhas, cenas de amor e brigas" (BENJAMIN, 2014, p.55). É desta maneira que as crianças produzem textos e os lê.
Existem várias atividades que são favoráveis para desenvolver a imaginação das crianças, as mais importantes são aquelas que envolvem as manifestações artísticas próprias da cultura em que a criança está inserida, o contato com a natureza, as brincadeiras, a leitura e a contação de história.
Contudo, o principal estímulo para o desenvolvimento da imaginação da criança é a narrativa, as histórias, contadas ou lidas, permitem que o tempo todo a criança coloque em exercício sua capacidade imaginativa.
Girardello (2018) destaca também a importância do repertório cultural proveniente da tradição oral, apresentado por meio das parlendas, quadrinhas e lengalengas como uma maneira de desenvolver a linguagem oral das crianças, permitindo também o desenvolvimento de ritmo e da consciência fonológica, elementos imprescindíveis para a alfabetização.

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL NA FORMAÇÃO DE LEITORES

O ato de ler não é simplesmente juntar letras e formar sílabas, depois juntar sílabas e formar palavras. Ler, é compreender o que se está lendo, é saber explicar com as próprias palavras o que acabou de ler. A leitura é uma habilidade muito mais abrangente que apenas decodificar o código escrito. Paulo Freire (1979, apud MARTINS, 2012, p.10) ressalta que "(...) a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. " Infere se, portanto, que o conceito trabalhado por Freire extrapola a concepção tradicionalista que concebe a leitura como ato de decodificação da linguagem escrita.
Ainda nesta linha de pensamento, Martins (2012, p.34) afirma que "[...] aprender a ler significa também aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios, o que, mal ou bem, fazemos mesmo sem ser ensinados. "
Com efeito, o saber ler não se confunde com o saber decodificar, pois o acesso ao código por si só não garante o "mergulho" nas malhas de significado do texto e nem o desenvolvimento da capacidade de ver além do que é visível aos olhos. Assim, a leitura é uma atividade para os olhos e não para os

ouvidos, o que significa dizer que a leitura não se restringe ao aprendizado das correspondências letra-som, mas que o extrapola (SOARES,2008).

Percebe-se, portanto, que, o conhecimento que hoje temos sobre o processo de aquisição da leitura e a formação de leitores, bem como o significado do que seja ler, sofreu ressignificações ao longo do tempo.

Neste contexto, cabe ressaltar ainda que a leitura não consiste apenas em decodificação sonora dos códigos, sendo também uma atividade inseparável do processo de compreensão. Desta forma, o contato com materiais impressos diversificados é imprescindível para o ingresso ao mundo letrado.

Soares (2008) salienta ainda que é preciso mostrar à criança o que precisa ser construído por ela no âmbito do aprendizado da leitura, o que faz com, na escola, a formação do leitor ganhe dois aspectos importantes: o desenvolvimento das habilidades inerentes ao ato de ler: interpretação, compreensão, interferências, que ocorre de forma sistemática e progressiva e ocorre por meio de atividades próprias para este desenvolvimento e o segundo aspecto é o incentivo à leitura enquanto prazer e lazer, o que exige o convívio com livros de diferentes gêneros, autores, editoras, etc. o livro didático, por exemplo, constituído por textos curtos e atividades de interpretação, está a serviço da formação do leitor relacionado ao primeiro aspecto.

Tal tarefa, no entanto, requer, inicialmente, que a leitura seja tratada numa perspectiva mais ampla, e também que o material sobre o qual o professor trabalhe tenha uma relação direta com os materiais escritos utilizados socialmente e, isto traz alguns desafios para a escola, como nos indica Délia Lerner (2005, p.27-28) ao destacar um desses desafios como o ato de "formar praticantes da leitura e da escrita e não apenas sujeitos que possam decifrar o sistema de escrita". Ou seja, leitores que saibam recorrer à materiais impressos para buscar as informações de que necessita.

A autora salienta ainda que o educador tem como desafio "formar pessoas desejosas de embrenhar-se em outros mundos possíveis que a literatura nos oferece" (LERNER, 2005, p.26). Logo, aceitar esse desafio significa rever conceitos sobre o ensino da leitura e da escrita que, tradicionalmente foi entendido como aquisição de uma técnica.

Cabe ao professor, dentro das condições oferecidas pela escola, possibilitar aos alunos o acesso a livros variados e adequados à sua faixa etária e nível de escolaridade, de modo que cada um tenha liberdade de escolha de livros, segundo seus interesses e curiosidades. Os desafios colocados pelas novas tecnologias originadas no bojo das sociedades do mundo atual implicam a ressignificação do papel da educação bem com o repensar das práticas pedagógicas.

CONCLUSÃO

Ao terminar esta pesquisa fica a sensação de que ainda há muito para se ler e pesquisar sobre o tema, tal é a sua abrangência. Porém, o material por ora pesquisado permitiu refletir sobre a importância de um trabalho voltado para o desenvolvimento do gosto pela leitura desde o início da escolarização.

Trata-se, pois, de um desafio que ultrapassa a alfabetização em sentido estrito e obriga a escola a reconceitualizar o sentido que dá para o ensino da leitura, reconstruindo-o a partir de concepções que encontrem nas práticas sociais de leitura o novo significado para seu ensino.

Assim, cabe à escola garantir um trabalho competente de leitura que incorpore as práticas sociais, porém sem perder a dimensão lúdica onde o ato de ler seja uma atividade prazerosa e geradora de significados.

É possível considerar que a escola cumprirá seu papel na medida em que for capaz de formar leitores que saibam escolher o material escrito adequado para a busca de problemas que irão se defrontar e não apenas leitores capazes apenas de ler em voz alta um texto escolhido por outro.

Formar leitores críticos, capaz de ler nas entrelinhas passa necessariamente pelo desafio de unir todos os esforços para alfabetizar todos os alunos, assegurando a todos o direito de se apropriarem da leitura e da escrita como ferramenta essencial para o crescimento pessoal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, F. Literatura infantil: gostosu-

ras e bobices. São Paulo: Scipione, 2015.
BARTHES, R. Aula. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2022.
BENJAMIN, W. Obras Escolhidas I - Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 2014.
BORDINI, M. da G; AGUIAR, V. T. Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2022.
BORTOLANZA, A. M. E; GOULART, I. C. V; CABRAL, G. R. Diferentes perspectivas de alfabetização a partir da Base Nacional Comum Curricular: concepções e desafios. Ensino em Re-Vista, v. 25, n. 4, p. 958-983, 2018.
BOCK, A. M. B; FURTADO, O; TEIXEIRA, M. L. T. Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia. São Paulo: Saraiva 2002.
BRASIL. Resolução CNE/CP nº 2, de 22 de dezembro de 2017. Institui e orienta a implantação da Base Nacional Comum Curricular, a ser respeitada obrigatoriamente ao longo das etapas e respectivas modalidades no âmbito da Educação Básica. Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação Conselho Pleno. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wpcontent/uploads/2018/04/RESOLUCA OCNE_CP-222DEDEZEMBRODE2017.pdf. Acesso em: 15 de outubro de 2024.
CALVINO, I. Seis Propostas para o Próximo Milênio: lições americanas. São Paulo: Companhia da Letras, 2020.
CANDIDO, A. Literatura e Sociedade. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2016.
CARVALHO, M. Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática. Petrópolis/RJ: Vozes, 2020.
COELHO, N. N. O conto de fadas. São Paulo: Ática, 2013.
GIRARDELLO, G. E. P. Televisão e Imaginação Infantil: Histórias da Costa da Lagoa. 2018. Tese (Doutorado em Comunicação) Escola de Comunicação e
Artes. Universidade de São Paulo, São Paulo.
HINTERLANG, C. Contribuições da literatura de Monteiro Lobato. Disponível em http://cac-php.unioeste.br/pos/media. Acesso em: 15 de outubro de 2024.
HONORATO, A. R. S. A imaginação e a infância. Disponível em http://cac php.unioeste.br/pos/media. Acesso em: 15 de outubro de 2024.
LAJOLO, M; Literatura Infantil Brasileira: história e histórias. São Paulo: Ática, 2021.
JOLIBERT, J. Formando crianças leitoras. Porto Alegre. Artmed: 2014
KLEIMAN, A. (org) Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, Mercado das Letras, 2015.
LERNER, D. Leitura na escola: o real, o possível e o necessário. Porto Alegre, Artmed: 2005.
MARTINS, M. H. O que é leitura. São Paulo: Brasiliense, 2012.
TAVARES, H. Teoria Literária. Belo Horizonte: Itatiaia, 2022.
THEODORO, E. S. Leitura e realidade brasileira. Porto Alegre. Mercado Aberto 2018.

VYGOTSKY, L. S. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1989. WEISZ, T. O Diálogo entre o Ensino e a Aprendizagem. São Paulo: Ática, 1999.
ZILBERMAN, R; Leitura; por que a interdisciplinaridade? In: _____.
Leitura: perspectivas Interdisciplinares. São Paulo: Ática, 2015.